

ESPIRITUALIDADE E CORPOREIDADE

Contribuição para a busca de uma espiritualidade do cristão, da cristã no estado de vida leigo

A vida segundo o Espírito, cujo fruto é a santificação (Rm 6,22; cf. Gl 5,22), suscita e exige de todos e de cada um dos batizados o seguimento e imitação de Jesus Cristo, no acolhimento das bem-aventuranças, na escuta e meditação da Palavra de Deus, na consciente e ativa participação da vida litúrgica e sacramental da Igreja, na oração individual, familiar e comunitária, na fome e sede de justiça, na prática do mandamento do amor em todas as circunstâncias da vida e no serviço aos irmãos, sobretudo aos pequeninos, os pobres e os doentes.¹

¹ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Christifideles Laici*, p.40.

INTRODUZINDO A QUESTÃO

Esses elementos, entendidos como esforço de manter vivo o ÂNIMO, a MÍSTICA, isto é, a força que sustenta a missão enquanto compromisso com o Reino de Deus revelado por Jesus Cristo, estão vinculados à maneira como se vivencia e se compreende as relações fundamentais com Deus, com o outro e com o mundo.

A espiritualidade é um conjunto de práticas que se expressam segundo a experiência histórica, e em cada momento se determina por uma concepção de ser humano, uma ANTROPOLOGIA; por uma noção de revelação, uma TEOLOGIA; por uma compreensão de Igreja, uma ECLESIOLOGIA; e uma compreensão de mundo, uma COSMOLOGIA.

O Concílio, quando resgata o valor das realidades terrestres e a unidade entre fé e vida, abre caminho para uma antropologia em superação ao dualismo e em prol de uma visão de homem integrada, unitária; de uma concepção de revelação

em que Deus se revela na história; de uma eclesiologia que entende a Igreja como Corpo de Cristo mas especialmente como Povo de Deus.

Este contexto, coloca a exigência de uma espiritualidade própria para o cristão que assume a missão de viver o Projeto de Deus mergulhado na realidade secular. Uma espiritualidade encarnada, alimentadora de uma mística, força para viver o dia-a-dia, rotina relacionada com as necessidades e desejos do corpo.

A atenção às experiências do corpo na história e em liberdade, pode ser importante nesta tarefa de reinventar uma espiritualidade que esteja voltada para a percepção da revelação no cotidiano da história, oração na ação, isto é, desde a ação e para a ação. Espiritualidade que não seja construída sobre o desprezo da corporeidade, ao contrário, que, voltada para o corpo, o recolha do cansaço da rotina diária e o faça aberto, disposto para perceber a presença de Deus na vida corrida do trabalho, da vida, da condução, da família, do sexo, da escola, da política... E então, fortalecido o cristão e fortalecida a cristã, podem intervir neste mundo. Fazer haver melhores condições para viver em comunhão e para poder participar de forma criativa dos partidos políticos, sindicatos, associações, movimentos sociais e populares, de todas as organizações que combatam a injustiça e a opressão social e dos processos de planejamento, decisão e avaliação da Ação Pastoral da Igreja², tendo como referência fundamental a opção de Jesus pelos pobres e excluídos.

2 Cf. Carta de Princípios aprovada na X Assembléia Anual Ordinária do CNL, novembro/91.

1. ESPÍRITO NÃO SE OPÕE A CORPO, OPÕE-SE A MORTE

Viver segundo o Espírito é viver segundo a dinâmica da vida, afirma Leonardo Boff. *Espírito é o nome para dizer a energia e a vitalidade de todas as manifestações humanas*.³ A grande oposição que marca a experiência humana não se dá entre corpo e espírito, mas entre vida e morte.

Viver segundo o Espírito é ter compromisso com a promoção da vida em todos os sentidos, a começar pelo mais fundamental, da vida do corpo que tem fome.

Jesus, quando reza, pede, para todos, ao Pai, *o pão nosso de cada dia*.⁴ Preocupa-se com a fome da multidão que o segue, multiplica o pão, ensina a partilha⁵.

Contam os evangelhos que Jesus quando soube da morte de João Batista, retirou-se para um lugar deserto. Quem sabe queria rezar, entender com o coração o que tinha acontecido e pensar sobre o significado disso para a sua própria vida.

A multidão, no entanto, não o deixou só. Lucas conta que o povo foi atrás dele e ele, acolhendo a multidão, falou do Reino de Deus.

3 Cf. L. BOFF, *Ecologia, Mundialização, Espiritualidades*, p. 165.

4 Lc 11, 1-4

5 Lc 9, 12-17

Ficou tarde, o grupo dos Doze perceberam que a multidão estava faminta e foram propor a Jesus que despedisse o pessoal para que cada um providenciasse a própria comida.

Foi então que Jesus fez um sinal. Convidou os apóstolos a oferecerem aquilo que eles tinham para alimentar a multidão. Eles estranharam... como poderia cinco pães e dois peixes alimentar tanta gente? No entanto, concordaram.

O fato mais surpreendente, diz o Evangelho, é que a comida deu para todos e sobrou.

A partilha proporcionou a experiência da fartura. O milagre da multiplicação dos pães é Jesus afirmando que, para participar do reino de Deus é preciso viver a solidariedade.

Ora, esse milagre faz lembrar os lanches comunitários que as comunidades sempre fazem. Cada um oferece um pratinho e juntando tudo é aquela fartura! Todo mundo come e leva para casa. É certo que o maior milagre de Jesus não foi dar de comer, foi ter convidado os apóstolos a partilhar aquilo que eles tinham reservado para si. O Evangelho não fala, mas a gente pode imaginar que o povo, vendo a oferta dos apóstolos, ficou comovido, e quem tinha algo se pôs também a partilhar. Isso é milagre!

Durante a última ceia o pão que mata a fome, torna-se memorial, compromisso, presença. Nesse outro relato, Jesus, não só abençoa e partilha, mas torna-se pão. Oferece-se como alimento, força para aqueles que aceitam o seguimento e engajam-se na luta pela vida contra as forças de morte⁶.

Ainda neste mesmo sentido, o relato de Lucas que fala que os discípulos, a caminho de Emaús, reconhecem Jesus, ressuscitado pelo Pai, na fração do pão⁷. Jesus sentou-se a mesa com eles, abençoou, partiu o pão e deu a eles. *Nisso, os olhos dos discípulos se abriram, e eles reconheceram Jesus.*⁸

Viver segundo o Espírito é ter os olhos abertos e o coração solidário, para a vida que tem fome, que tem sede, que tem frio, que é estrangeira em terra estranha, que está doente, que está presa... No fim dos tempos, os abençoados do Pai serão aqueles que deram de comer, de beber, vestiram e acolheram e sua casa o menor dos irmãos.⁹ **As coisas do Espírito são as coisas do corpo.**

2. ESPIRITUALIDADE, COMPROMISSO COM A VIDA

Ser espiritual ou ter uma espiritualidade consiste em trilhar um caminho de vida e não buscar ser espírito, desconsiderando as exigências do corpo. Três são elementos importantes para a compreensão e mais do que isso, para a vivência de uma espiritualidade encarnada, comprometida com a vida concreta: a experiência histórica, o exercício da liberdade e o acolhimento da graça.

6 Mt 26,26

7 Lc 24, 13-35

8 Lc 24, 31

9 Mt 25, 31-40

Em primeiro lugar está a história. A vida humana é um constante construir história. O corpo humano, insatisfeito e desadaptado, sem condições de ser natural, por não possuir uma programação biológica fechada que lhe permita adaptar-se, põe-se a imaginar, a desejar o que não existe. A experiência do incômodo dispara a imaginação e faz possível o ato criativo, põe em movimento a vida. Criar é a grande alegria do ser! O mundo vai então tornando-se humano; a natureza passa a ser marcada pela cultura. Nasce a História.

O homem/a mulher, não habita a natureza, habita a história. Esta última, todavia, não existe de uma vez por todas, ela está, ou deve estar, sempre em processo de renovação uma vez que é construída a partir da condição humana de ser corporal, ser limitado, ser insatisfeito. O sentido da vida humana é estar sempre em construção, sempre gerando o novo. Estamos por esse caminho, próximos da Bíblia que diz: *E Deus criou o homem à sua imagem; à imagem de Deus ele o criou; e os criou homem e mulher.*¹⁰ Deus criador nos fez criaturas criadoras. Segundo o poema da criação, Deus ofereceu a terra ao homem e à mulher para morarem e trabalharem¹¹: *Sejam fecundos, multipliquem-se, encham e submetam a terra...* Deu poder: *dominem os peixes do mar, as aves do céu e todos os seres vivos que rastejam sobre a terra...* *Eu entrego a vocês todas as ervas que produzem semente e estão sobre a terra, e todas as árvores em que há frutos, que dão semente: tudo isso será alimento para vocês....* Condição para ter vida em abundância é ter consciência que ser humano é ser também criador, criadora. **Ser espiritual é, neste sentido pôr mãos à obra..., criar.**

10 Gn 1,27.

11 Gn 1, 26-31

Em segundo lugar está a liberdade. A condição de seres corporais nos move para a realização como criaturas criadoras. Todavia, o fato do ser humano emergir como criatura só acontece na relação com o mundo e com o outro. Isso porque já não se pode pensar no ser humano como ser em si mesmo, mas sim como pessoa, ser em relação.

Estar em relação, no entanto, é deparar-se continuamente com o problema do poder e conseqüentemente com a possibilidade de viver as relações humanas com liberdade.

Duas, podem ser as maneiras de viver o poder. Uma delas é a experiência do poder como conquista, fruto de uma auto-percepção ilusória de que o poder seria uma possibilidade que emana do ser em si mesmo. Como se o ser humano, centro do universo, bastasse a si mesmo (tese iluminista que supõe a hipertrofia da razão e a conseqüente atrofia do corpo). O que produz essa ilusão é a experiência da dominação. O ato de submeter o outro, a outra e/ou a natureza provoca a ilusão do poder e faz esquecer a realidade dos limites impostos pela corporeidade.

12 Gn 2, 4-5.

Acontece como no mito da queda relatado na Bíblia: *Então a serpente disse à mulher: 'De modo nenhum vocês morrerão. Mas Deus sabe que, no dia em que vocês comerem o fruto, os olhos de vocês vão se abrir, e vocês se tornarão como deuses, conhecedores do bem e do mal.'*¹² *Sereis como deuses*, é a palavra de sedução da serpente. O poder vivido como conquista não supõe a liberdade, nem para o dominado, o que é óbvio, nem para o dominador que necessita do sofrimento daquele que submete para afirmar-se, portanto não é também ele, livre.

A segunda maneira é viver o poder como dádiva. Só assim é possível experimentar de fato, a liberdade. O poder vivido como dádiva é força que se tem, mas não se possui. Não está em si mesmo, está na comunhão. Os fracos se unem e, de onde menos se espera, acontece a novidade. Força que acontece de maneira surpreendente quando se assume a fragilidade e se abre para a solidariedade. A consciência do limite é condição para se viver como criatura criadora em comunhão. Ser espiritual é **criar o novo, sendo livre, sem dominar, nem ser dominado, comungar...**

E, finalmente, a possibilidade do ser humano, corporal, limitado, realizar-se como criatura criadora, como filho de Deus, imagem e semelhança do criador, ser espiritual, comprometido com a vida, está vinculada à abertura para a relação com Deus como graça.

Na condição humana de ser limitado, a graça ocupa o corpo e confere a ele o poder para realizar o desejo mais fundamental, mais profundo, aquele que é capaz de dar sentido à vida. Desejo de vida que nasce no estado de maior impotência, maior esvaziamento. Na pobreza total, desejo que se revela na PALAVRA, que é a única súplica: *Senhor, venha a nós o vosso REINO!*

13 Gen 18,1-15; Gen 25,19-23;
Gen 30,22-24.

14 Js 1,1-9.

São testemunhas disso as matriarcas do Antigo Testamento que, estéréis, dão a luz ao povo¹³; os escravos que, libertos do jugo do Império, chegam à terra da qual emana leite e mel¹⁴; os amigos de Jesus que, diante da morte daquele que tanto amavam, ao invés de se abaterem, se sentem tomados por uma força de ressurreição, força que os livra do poder imobilizador da morte e os lança em missão¹⁵. **Tudo isso, reconhecem os ouvintes da Palavra, por força da graça, pelo poder do Espírito.** Deus faz daquele que é fiel, que está atento, criatura criadora, bem-aventurado por poder gerar mundo novo. Prazer infinito, alegria maior:

15 Lc 24,13-35.

*A minha alma engrandece o Senhor,
e o meu espírito exulta em Deus, meu Salvador,
porque olhou para a humilhação de sua serva.*

16 Lc 1,46b-49a.

*Sim! Doravante as gerações todas me chamarão bem-aventurada, pois o Todo-poderoso fez grandes coisas por mim. (...)*¹⁶

A espiritualidade, enquanto busca e afirmação da vida é, então, experiência do corpo que, assumindo seu limite, se abre para a ação da graça que o ocupa e o torna comprometido. Aquele que experimenta o amor de Deus é também chamado a amar, comprometer-se com o outro, com a outra em favor da vida que está acontecendo, mas que também ainda está para acontecer, dentro do grande projeto de Deus que é em síntese, projeto de mais vida, de vida para todos, para todas, de vida em abundância.

3. ESPIRITUALIDADE, COMPROMISSO COM A MAIS-VIDA, COM A VIDA EM ABUNDÂNCIA

Mais vida, mais alegria! O corpo humano é histórico. Sendo corpo inventa história, fruto do desejo engendrado pelo limite, pela falta, pela carência. A história é o resultado sempre inacabado do desejo de viver melhor, de se expandir em criação, de **sentir alegria**. Viver é buscar prazer, melhor, buscar a alegria mais fundamental que significa realizar-se como criatura criadora, capaz de exercer o poder de criar como ser livre, isto é, sem ceder à sedução da dominação.

Existe no corpo um desejo profundo, concebido e crescido ao longo da história. Esse desejo é o desafio constante de construção, de criatividade, projeto de Deus para o homem e para a mulher. Encontrar esse desejo é busca que supõe principalmente, atenção ao corpo, às emoções que nele experimenta o ser humano ao longo da vida, nas circunstâncias colocadas pela relação com o mundo e com o outro.

Santo Inácio, místico do século XVI, em atenção ao seu próprio itinerário espiritual, propõe um caminho, uma espiritualidade que, ao lançar o cristão em missão, confirma a importância de se sondar as emoções.

Fala de moções/emoções, sentimentos que experimentamos e que são reveladores do sentido da vida. Emoções que revelam se a vida está acontecendo em direção ao desejo mais profundo, à alegria única que dá sentido à todas as coisas. Santo Inácio fala de consolação, alegria interna, tranquilizadora, pacificadora e ao mesmo tempo impulsionadora¹⁷. Descreve também o que chama de desolação, secura e vazio, ansiedade e agitação, alegria aparente, força que imobiliza, torna passivo, fechado em si mesmo¹⁸.

Decidir por mais-vida implica, para Santo Inácio, em sondar os sentimentos, mais do que conhecer as razões. Os pensamentos, as razões que acompanham as decisões que são exigências desse processo de construção contínua da história, provocam emoções que devem ser *atendidas*: (...) *Se o decurso dos pensamentos sugeridos termina em alguma coisa má ou que*

17 Cf. Santo INÁCIO, *Exercícios Espirituais*, 316.

18 *Ibidem*, 317

*distrai ou que é menos boa do que a que a alma se propusera anteriormente fazer, ou enfraquece ou inquieta ou conturba a alma, tirando-lhe a paz, tranquilidade e quietude que antes possuía, então é sinal claro de que provém do mau espírito (...).*¹⁹

19 *Ibidem*, 333.

Ora, todavia, Deus presente na vida é, segundo o testemunho do mesmo santo e de tantos outros que se abriram para o encontro, experiência da alegria, consolação: *É próprio de Deus e de seus anjos, em suas moções, dar verdadeira alegria e gozo espiritual, tirando toda a tristeza e perturbação que o inimigo incute.*²⁰ O caminho espiritual é busca da alegria profunda e o acerto é garantido pela atenção às emoções/moções.

20 *Ibidem*, 315.

Neste sentido, o itinerário espiritual não precisa ser necessariamente ascético, apoiado sobre o sacrifício do corpo e a repressão das emoções. Podemos dizer então que o sentido da espiritualidade é a alegria, mesmo a dor e o sacrifício só possuem algum sentido se estiver em função de um bem maior. Santa Teresa, por exemplo, desde a sua experiência contemplativa, usa palavras que sugerem muito nessa direção: arroubo, arrebatamento, êxtase. *O deleite exterior que se sente é grande e bem manifesto*, escreve a santa.²¹

21 Cf. Santa TERESA, *Vida de Santa Teresa de Jesus escrita por ela própria*, 97.

Podemos dizer a partir disso que viver segundo o espírito não significa desprezar o corpo, mas ao contrário, aprofundar a possibilidade de sentir prazer e alegria oferecida por Deus ao nosso ser corporal. É como afirma Rubem Alves: *Se Deus não nos tivesse criado para o prazer, Ele (ou Ela) não teria nos dado tantos brinquedos para o corpo, como os gostos, os sons, as cores, as formas, os cheiros, as carícias, e não teria dotado o corpo de tantos órgãos eróticos.*²²

22 Cf. Rubem ALVES, *Teologia do cotidiano*, p.30.

Na verdade, aprofundar o prazer, vivê-lo como alegria é um caminho espiritual. Rubem Alves, ajuda a entender isso quando fala sobre a diferença entre prazer e alegria²³. O primeiro é experiência de satisfação em si mesma, vem como resposta a uma necessidade. Se o corpo tem fome, a resposta é comida, satisfaz. E após a refeição, está farto, não quer mais! A segunda é experiência mais sutil, *nem só de pão vive o homem, mas de toda palavra...* É quando as necessidades que vão sendo geradas no corpo passam a ser coloridas pela experiência do sentido. A alegria acontece, por exemplo, quando a refeição possui sabor e a beleza ofertada por aquele que a preparou, o conforto da companhia dos irmãos/amigos, o interesse provocado pelas histórias partilhadas...

23 *Ibidem*, pp.26-33.

Viver esse processo que consiste em aprofundar as possibilidades do corpo no sentido da alegria é conquistar leveza para alçar vôo ao encontro da graça, experimentar a grande consolação que é o próprio Deus. Saborear a mesma vida, continuar a construir história mas com os sentidos transformados. Ter o corpo transfigurado, ser espiritual...

4. A TÍTULO DE CONCLUSÃO, MAS QUERENDO ABRIR UMA DISCUSSÃO...

O Concílio Vaticano II define a espiritualidade do leigo segundo três elementos importantes: O primeiro diz respeito ao culto: *Esta vida íntima de união com Cristo na Igreja alimenta-se por meios espirituais, comuns a todos os fiéis, principalmente pela participação ativa na sagrada liturgia.*²⁴ O segundo diz respeito à Palavra: *Só pela luz da fé e meditação da palavra de Deus pode alguém, sempre e por toda a parte, divisar Deus em quem 'vivemos e nos movemos e somos', procurar em todo acontecimento sua vontade...*²⁵ E o terceiro diz respeito ao amor: *A caridade de Deus por sua vez, 'difundida que está em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado', torna os leigos capazes de exprimirem de fato em sua vida, o espírito das bem-aventuranças.*²⁶

A Exortação Apostólica de João Paulo II *Christifideles Laici*, considera os mesmos elementos, acrescentando, a prática da oração individual, familiar e comunitária, a referência às bem-aventuranças e à fome e sede de justiça no que diz respeito à prática da caridade.

Considerando o que está colocado pelo magistério da Igreja, procuramos estabelecer algumas referências no sentido de ajudar a aprofundar uma experiência espiritual encarnada:

4.1. *Pela luz da fé e meditação da Palavra, procurar a vontade de Deus...*²⁷

Meditar a Palavra para encontrar a Vontade de Deus na vida. Aquietar-se, rezar ao Deus que está no segredo. No segredo, Deus se revela como Pai, fazendo que vejamos Jesus Cristo. A pessoa, as palavras, as ações d'Ele ensinam a ser também filho/filha. A partir de Mateus aprendemos da fala do Filho:

*"Entra no teu quarto
fecha a porta para que outros não vejam
que a oração não seja tentação de auto-valorização.
Tranca a porta também para não querer fugir
do vazio que o silêncio abre
ora ao Pai que está no segredo
lugar daquilo que não é óbvio, evidente, aparente
lugar onde à luz da Palavra, a Vida ganha sentido.*

(paráfrase de Mt 6,5-6)

Cair na conta, tomar consciência e saborear a alegria da revelação -consolação. Essa é a alegria que se experimenta quando se ouve e se vê o que Deus faz na vida de cada um porque o que dizemos de Deus é o bem que faz ao nosso corpo:

24 Vaticano II, *Apostolicam Actuositatem*, 1340

25 *Ibidem*, 1341

26 *Ibidem*, 1342

27 Cf. Vaticano II, *Apostolicam Actuositatem*, 1341. Essa reflexão sobre a escuta da Palavra tem como referência anotações de um curso com o tema *Mistagogia dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio — a experiência de Deus*, ministrada por Ulpiano Vazquez.

*Na oração, mais sabor que saber
'Felizes os vossos olhos, porque vêem,
e os ouvidos, porque ouvem.'* (Mt 13, 16)

28 Cf. Ênio J.C. BRITO. *O leigo cristão no mundo e na Igreja*, pp.100-102

Contemplar a Palavra para conhecer e participar do Desejo de Deus. Voltar-se para o mundo e assumi-lo como tarefa, libertar e desenvolver suas energias latentes.²⁸

*Deus-Pai lança em missão,
como criatura criadora,
mistério da encarnação!
Feito corpo em história
faz humano o Filho
faz Filho/Filha, o humano.*

29 Cf. Vaticano II, *Apostolicam Actuositatem*, 1340.

4.2. Participar ativamente da Sagrada Liturgia...²⁹

Viver a liturgia como celebração da graça de Deus que faz o humano ser de poder, criatura criadora no mundo, experimentar o poder como servo inútil que faz o que pode, sabendo que todo o poder é de Deus. Ser oferente, ser livre:

*Liberdade,
poder recebido como graça.
Amor ao Deus do céu,
que faz voar*

Vivê-la na dialética da encarnação-transcendência.

*Ser rei,
senhor, dono, possuir tudo.
Ser sacerdote,
ofertar tudo, não possuir nada.
Ser profeta,
viver o distanciamento crítico,
condição de contínuo discernimento.*

30 Cf. *Ibidem*, 1342

4.2. A caridade torna os leigos capazes de exprimirem na vida o espírito das bem-aventuranças.³⁰

Viver a caridade, o amor como opção pelo mais pobre. Compreender o sofrimento dentro da dinâmica da morte e ressurreição. Viver o sacrifício que implica na busca do que é mais essencial, aceitar sofrer por aquilo que trará maior felicidade.

*Deus é Aquele que revela beleza
mesmo quando e onde o olho não pode enxergar:
Prazer e alegria escondidos
onde a vida é mais maltratada.*

*Na ausência de todo o poder,
na mais profunda impotência,
no esvaziamento total,
a vida se afirma:*

*Felizes os homens pobres
porque conhecerão a abundância.
Felizes as mulheres estéreis
por que sentirão a alegria da maternidade.
Felizes as crianças
porque quem não se tornar criança
não verá o Reino dos céus!*

4.3. A vida segundo o Espírito exige o seguimento e imitação de Jesus Cristo na oração individual, familiar e comunitária.³¹

31 Cf. JOÃO PAULO II, *o.cit.*, p.40

Rezar em comunidade, sentir junto com a Igreja, sonhar o sonho de muitos. Estabelecer laços em torno de um único Projeto, O REINO.

Esses elementos, pretendem ser contribuição para a discussão, para a busca de uma experiência de Deus que seja força de vida para o cristão, a cristã que está enfrentando os desafios da modernidade, da pós-modernidade: globalização, informática, crise ecológica...

Neste sentido, a esperança é de que a reflexão nos leve a uma espiritualidade que seja força de vida, de mais vida, de vida em plenitude, de vida em alegria!

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Rubem — *Teologia do Cotidiano — Crônicas*. São Paulo, Olho'água, 1994.
- ____ — *O Suspiro dos Oprimidos*. São Paulo, Paulinas, 1984.
- ____ — *Variações sobre Vida e Morte*. São Paulo, Paulinas, 1982.
- ____ — *A Ressurreição do Corpo*. Rio de Janeiro, CEDI, 1982.
- ____ — *Da Esperança*. Traduzido do inglês por João Francisco Duarte Jr. Campinas, Papirus, 1987.
- ____ — *O Enigma da Religião — Meditações filosóficas em torno do tema da religião* 4ª Ed. Campinas, Papirus, 1988
- BOFF, Leonardo. *Ecologia, mundialização, espiritualidade*. São Paulo, Ática, 1993.
- BRITO, Ênio José da Costa. *O Leigo Cristão no Mundo e na Igreja*. São Paulo, Loyola, 1980.
- CNL-Conselho Nacional dos Leigos. *Carta de Princípios. Aprovada na X Assembléia Geral*, 1991.
- INÁCIO, Santo. *Exercícios Espirituais*. São Paulo, Loyola, 1985.

JOÃO PAULO II. *Vocação e Missão dos Leigos na Igreja e no Mundo*. Exortação Apostólica de João Paulo II *Christifideles Laici*. 6ª Ed.. São Paulo, Paulinas, 1990.
TERESA, Santa. *Vida de Santa Teresa de Jesus escrita por ela própria*, São Paulo, Loyola, 1984.
VATICANO II, *Documentos do Vaticano II. Constituições, Decretos e Declarações*. 15ª Ed..Petrópolis, Vozes, 1982.

Ceci M.C.Baptista Mariani
Professora do ITESP